

Lista de Sintomas de Stress Pré-competitivo Infanto-juvenil: Adaptação para Bailarinos

List of Symptoms of Stress Pre-competitive for Children: Adaptation for Dancers

Andressa Melina Becker da Silva¹, Sônia Regina Fiorim Enumo², Renan de Moraes Afonso³, Lucas de Francisco Carvalho⁴, Murilo Fernandes de Araújo⁵, Isabella Goulart Bittencourt⁶ e Tatiane Stephan Rocchetti Luz⁷

Resumo

Estresse é o desequilíbrio do organismo frente a eventos que alterem sua percepção do ambiente, exigindo adaptação. Ocorre no contexto da dança, especialmente na fase pré-competição. Este estudo adaptou a *Lista de Sintomas de Stress Pré-Competitivo Infanto-Juvenil (LSSPCI)* para bailarinos adolescentes, verificando suas evidências de validade. Realizou-se a adaptação teórica para essa população, com auxílio de juízes especialistas. Foram avaliados 286 bailarinos, com idade média de 15.23 anos, durante festivais de dança de nível nacional e internacional. A verificação das evidências de validade de conteúdo resultou nos coeficientes de validade de .99 (linguagem), .90 (pertinência prática) e 0,90 (pertinência teórica). A Análise Fatorial Exploratória apresentou cargas fatoriais entre .42 e .69, em três fatores: *Estressor intrínseco fisiológico* ($\alpha=.76$); *Estressor extrínseco social* ($\alpha=.83$); *Estressor intrínseco cognitivo/emocional* ($\alpha=.77$). Os resultados indicam ser o instrumento adequado para bailarinos adolescentes.

Palavras-chave: dança, estresse, testes psicológicos, psicologia do esporte

Abstract

Stress is the imbalance of the organism to events that alter your perception of the environment, requiring adaptation. It occurs in the context of dance, especially in the pre-competition phase. This study adapted the Stress Symptoms List Pre-Competitive for Children and Youth (LSSPCI) for teen dancers, checking their validity evidences. It has been held the theoretical adaptation for this population, with the help of expert judges. It were evaluated 286 dancers, with a mean age of 15.23 years for national and international level of dance festivals. Verification of content validity evidence resulted in the validity coefficients of .99 (language), .90 (practical relevance) and .90 (theoretical relevance). The Exploratory Factor Analysis showed factor loadings between 0.42 and .69, in three factors: *Intrinsic physiological stressor* ($\alpha=.76$); *Extrinsic social stressor* ($\alpha=.83$); *Intrinsic cognitive/emotional stressor* ($\alpha=.77$). The results indicate that the instrument is appropriate for adolescents dancers.

Keywords: dance, stress, psychological tests, sport psychology

¹Prof. Dra. na Universidade de Sorocaba-SP, Brasil. Tel.: (19)984007922; (19)25131972. E-mail: andressa_becker@hotmail.com

² Prof. Dra. do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP, Brasil.

³Psicólogo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP, Brasil.

⁴Prof. Dr. do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade São Francisco, Itatiba-SP, Brasil.

⁵Mestrando em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP, Brasil.

⁶Psicóloga em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, Brasil.

⁷Psicóloga em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP, Brasil.

Introdução

O estresse é um conceito muito difundido em nossa cultura, com um número crescente de estudos nos últimos anos 50 anos, desde o estudo de Selye (1956, cit. in Aldwin, 2011), o qual analisando ratos a estímulos apresentados, observou que os mesmos apresentaram reações fisiológicas, então, adaptando o estudo para adultos propôs três fases do estresse – Alerta, Resistência e Exaustão. Segundo Lazarus e Folkman (1984), o estresse é entendido como uma relação indivíduo-ambiente, autoavaliada como excedendo seus recursos de enfrentamento. Aldwin (2009) explica que, dependendo do tipo do estressor, da dimensão temporal e da intensidade, diversos tipos de avaliações cognitivas podem ser feitas (considerando o estressor como um dano, ameaça, perda de controle ou mesmo benigno, mudança) e podem gerar reações fisiológicas (ativação simpática e supressão parassimpática, estimulação neuroendócrina, supressão imunológica, ativação de proteínas e supressão de mecanismos reparadores do DNA) e reações emocionais (afetos negativos, respostas emocionais exacerbadas, diminuição do afeto positivo). Assim, o estresse é entendido como um processo complexo e multidimensional, que se manifesta por meio de alterações físicas e psicológicas no sujeito.

Essas reações ocorrem frente à necessidade de adaptação exigida do indivíduo em momentos de mudança, nos quais atuam estressores agudos ou crônicos que podem ser constituídos de: trauma, eventos da vida, estressores diários, ambiente físico aversivo, adversidades acumuladas, tensão crônica (Aldwin, 2009). Podem-se distinguir dois tipos de estresse, o positivo (*eustresse*) e o negativo (*distresse*). O *eustress* é caracterizado pela mobilização de todos os esforços físicos e espirituais em um estado de forte excitação, causando sentimentos de alegria, satisfação e felicidade. O *distress* pode ocorrer de forma aguda, no caso de uma notícia ruim, uma sessão de treinamento, e ainda de forma crônica, como preocupação com dívidas ou um treinamento com tempo indevido de descanso (Lipp, 1984; Selye, 1956).

Selye (1956) considerou existirem três fases na Síndrome Geral de Adaptação, denominada de estresse: 1) Alerta – Ativação do eixo Hipotálamo-Pituitária-Adrenal (HPA); 2) Adaptação – retorno homeostático, com esforços hormonais; 3) Exaustão – limite que o corpo suporta com graves prejuízos à saúde podendo levar o indivíduo a óbito. No entanto, Lipp (2000), em estudos posteriores, identificou na população brasileira, uma quarta fase do estresse que chamou de “Quase exaustão”, que ficaria entre a fase de Resistência e Exaustão. Tal fase é caracterizada pelo aparecimento de doenças devido ao enfraquecimento do organismo, quando este não consegue se adaptar ou resistir ao estressor. Para Lipp (2010), nessa fase, a produtividade do organismo encontra-se muito prejudicada, não ao ponto da fase de Exaustão, mas apresenta problemas no trabalho e de concentração já que seu rendimento cai consideravelmente.

O estresse, então, pode ser definido como um desequilíbrio entre as percepções do indivíduo quanto à demanda da situação e à sua capacidade de enfrentamento. Assim, o estressor funciona como um catalisador desse desequilíbrio (Lazarus & Folkman, 1984; Lohman & Jarvis, 2000).

O desequilíbrio é perceptível na adolescência, caracterizada por um período de mudanças físicas, psicológicas, comportamentais e sociais, que exigem do indivíduo uma intensa adaptação (Carvalho & Novo, 2014; Cromer, 2011; Francisco, Alarcão, & Narciso, 2011; Moreira & Juarez, 2004; Patara, 2010, Zimmer-Gembeck & Skinner, 2008). As mudanças presentes nessa fase do desenvolvimento podem ser consideradas como um fator de risco para o estresse (Arnett, 2006). O risco é entendido aqui como a variável que aumenta a probabilidade de o indivíduo adquirir determinada doença, seja de ordem física ou mental, quando exposto a ela (Sapienza & Pedromônico, 2005). Na adolescência, tal fenômeno pode ser identificado de diversas formas, tanto com manifestações físicas, quanto psicológicas. A depressão, a ansiedade, os comportamentos agressivos, as dificuldades de relacionamentos, o isolamento, o uso de drogas, entre outros, podem ser considerados desfechos mal adaptativos aos estressores (Tricoli, 2010).

Compas (1987) identificou três principais estressores mais comuns na infância e na adolescência, sendo o primeiro a situação que inclui mudanças de vida – a separação dos pais, mudança de escola e doença; o segundo caracteriza-se por condições estressoras crônicas, como pobreza, deficiência no desenvolvimento físico ou emocional e conflitos familiares constantes. O terceiro seriam os problemas do dia a dia, como provas escolares, disputas com amigos e discussões com os pais. A frequência e o impacto de tais eventos marcam a vida dos adolescentes e, se não souber lidar adequadamente, podem gerar muitos problemas futuramente.

No contexto da Psicologia do Esporte, podem ser observados com bastante facilidade fatores de estresse nos atletas e nos bailarinos adolescentes, já que o estresse competitivo tem sido considerado um dos aspectos psicológicos mais determinantes para o desempenho esportivo. Vários estudos mostram que a competição pode ser uma fonte geradora de estresse, independentemente do nível de habilidade do atleta ou do esporte praticado (Brink, Visscher, Coutts, & Lemmink, 2012; Coutts & Reaburn, 2008; De Rose Jr., 2002; Fletscher, Hanton, Mellalieu, & Neil, 2002; Purge et al., 2005). Considerando que a adolescência é um período do desenvolvimento que se caracteriza por diversas mudanças físicas, emocionais, cognitivas e sociais (Cromer, 2011; Moreira & Juarez, 2004; Patara, 2010, Zimmer-Gembeck & Skinner, 2008), o ambiente competitivo é um fator a mais para se analisar. O estresse durante as competições é um dos fatores psicológicos determinantes para o desempenho esportivo no alto rendimento, pois, neste contexto, os atletas são submetidos às mais diversas exigências (Stefanello, 2007).

A competição esportiva tem o significado de desafio e luta, sendo a forma máxima de expressão do esporte como fenômeno cultural e social e que está cada vez mais enraizada no cotidiano das pessoas. Toda competição esportiva possui quatro principais aspectos: a) confronto de um indivíduo ou uma equipe contra a outra; b) demonstração, quando o atleta exibe suas condições físicas e psicológicas; c) comparação, pois existe um padrão e a pessoa é comparada a

partir deste; e d) avaliação, pois o atleta é avaliado pelas pessoas presentes no evento (De Rose Jr., 2002).

No ambiente de competição de dança, assim como no esportivo, o nível de estresse é muito alto, visto que os bailarinos têm uma preocupação constante e uma expectativa muito grande sobre o desempenho e o provável resultado. Sendo assim, o constante esforço para sempre melhorar seus movimentos e seu rendimento, buscando sempre um resultado melhor, gera uma carga muito grande de exercícios físicos e uma cobrança muito grande de si mesmo (Aalten, 2005; Conceição, 2011; Qusted et al., 2011). Com isso, consequências negativas afetam o rendimento do jovem bailarino, como, por exemplo, o aumento da fadiga, dores, angústia, ansiedade, depressão, diminuição do desempenho intelectual, desorientação espaço-temporal, atenção dispersa, impossibilidade de relaxamento, alteração do estado de alerta, tensão muscular facial e mandibular, respostas desproporcionais aos estímulos externos, podendo causar um mau rendimento para a competição (Ermolaeva, 2015; Zajenkowski, Jankowski, & Kolata, 2014).

O estresse competitivo é um aspecto psicológico muito importante e, portanto, precisa ser avaliado, para só então se propor uma intervenção psicológica que reduza seu impacto negativo na saúde física e mental. Nesse contexto, destaca-se a importância de se utilizar instrumentos psicológicos que apresentem condições o mais adequadas possível. No caso, devem apresentar evidências de validade de conteúdo, de consistência interna dos itens, baseadas no processo de resposta, nas relações com variáveis externas e nas consequências de testagem; sendo as duas primeiras as mais utilizadas metodologicamente (Primi, Muniz, & Nunes, 2009). Considera-se também, que cada modalidade, seja de esportes ou de atividade física, apresenta características particulares e que, por isso, os testes psicológicos precisam ser direcionados para cada modalidade e não generalizados (Peixoto & Nakano, 2014; Rubio, 2011).

Fundamentado nessas premissas e considerando a inexistência de um instrumento psicológico, com propriedades psicométricas

adequadas, para avaliação de estressores em bailarinos adolescentes é que este estudo objetivou adaptar o instrumento *Lista de Sintomas de Stress Pré-Competitivo Infanto-Juvenil* [LSSPCI] (De Rose Jr., 1998) para bailarinos adolescentes brasileiros e verificar as evidências de validade do mesmo. Este instrumento, originalmente, é composto por 31 itens, em formato de lista de sintomas, em que os participantes assinalam com qual frequência o sintoma apareceu nas últimas 24 horas antes de uma competição. As respostas são dadas em uma escala Likert que varia de 1=nunca até 5=sempre. Esse instrumento originalmente foi validado em 219 atletas de 10 a 14 anos, que respondiam as perguntas durante período competitivo, e apresentou um alfa de Cronbach de .975.

Método

Participantes

Participaram do estudo 286 bailarinos brasileiros, de ambos os sexos (263 mulheres e 23 homens), com idade de 10 a 18 anos ($M=15.23$ anos; ± 2.22), e dançavam, em média, há 7.5 anos (± 3.54) as modalidades ballet clássico, dança contemporânea, jazz, sapateado, dança irlandesa e hip hop. O nível socioeconômico médio dos participantes era classificado como B2, que compreende uma média salarial familiar de R\$2.565,00 reais, pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisas [ABEP] (2013).

Instrumentos

A *Lista dos Sintomas de Stress Pré-Competitivo Infanto-Juvenil* [LSSPI], elaborada e validada por De Rose Junior (1998), foi utilizada em sua versão final, com 31 itens (ex: i1–“meu coração bate mais rápido que o normal”, i7–“bebo muita água”, i21–“tenho medo de perder”). Pode ser usada em atletas na faixa etária de 10 a 14 anos. Esse instrumento até o presente momento não havia recebido nenhuma classificação quanto a possíveis fatores, nem tão pouco uma normatização e padronização. Nesta pesquisa, o instrumento sofreu adaptações em sua linguagem, para que fosse compreendido por bailarinos, considerando a experiência prática de um dos coautores, as diferenças dos contextos existentes

entre atletas e bailarinos.

O *Critério de Classificação Econômica Brasil* (ABEP, 2013) foi aplicado para avaliação do nível socioeconômico dos participantes. A classificação é dada pela soma de pontos dos 10 itens, que perguntam sobre a posse de itens (ex: i1 - quantidade de televisão em cores você tem na sua casa; i4 - quantidade de automóvel e o i10 - grau de instrução do chefe da família) e sua categorização com base numa linha de corte, podendo os resultados ser classificados nas classes: A, B1, B2, C1, C2, D, E, sendo a A, a classe econômica com maior poder aquisitivo (média familiar mensal de R\$ 12.926.00) e a classe E, a de menor poder econômico (média familiar mensal de R\$ 477.00).

Procedimentos

O projeto foi previamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob o parecer número 770.131, seguindo as normas estabelecidas pela nova Resolução ética, nº 466/2012 da Comissão Nacional de Saúde. Os pais ou responsáveis pelos participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa, metodologia, riscos e benefícios, participando voluntariamente da mesma após lerem e assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os bailarinos foram escolhidos por maneira não probabilística, compondo uma amostra de conveniência, sendo selecionados em festivais de dança de nível nacional e internacional, conforme disponibilidade para participar do estudo. A aplicação dos instrumentos ocorreu antes dos ensaios de passagem de palco, no dia da competição. O instrumento leva aproximadamente 10 a 15 minutos para ser respondido. Sobre a taxa de adesão, houve recusa por parte de alguns participantes, devido a proibição de coreógrafos que não queriam que os mesmos se distraíssem ou perdessem tempo de preparação para o festival, porém, a grande maioria dos participantes convidados aceitou a participação voluntária e consentida por pais e/ou responsáveis.

Análise de Dados

Inicialmente, foi realizada uma revisão do instrumento LSSPC considerando o contexto dos

bailarinos, de forma que alguns termos precisaram ser modificados, como trocar “competir” por “dançar”, e acrescentar termos, como “espetáculo”, “festival”, “ensaio” e “modalidade de dança”. Após esta adequação, a verificação de evidências baseadas no conteúdo, foi baseada em alguns procedimentos empíricos, conforme proposição de Pasquali (2004), resumida a seguir.

A análise dos itens do instrumento por 5 juízes (2 professores de português, 1 psicólogo do Esporte, 2 educadores físicos com especialidade em dança) para observar a análise semântica (compreensão dos itens) e a pertinência prática e teórica dos mesmos. Para isso, foi utilizado um protocolo adaptado de Balbinotti, Benetti e Terra (2007), que considera a clareza de linguagem, pertinência prática e teórica dos itens do instrumento. Para verificação da clareza de linguagem, foi perguntado aos juízes: “*Você acha que estes itens são claros o suficiente e, portanto, serão entendidos pelos bailarinos? Em que extensão?*”. Já para a pertinência prática: “*Você acha que estes itens são pertinentes para os bailarinos? Em que extensão?*”. No campo das observações do protocolo, os juízes puderam apontar algumas falhas, sugerir correções ou mesmo exclusão de determinados itens. Para responder a estas questões, os juízes utilizaram uma escala de cinco pontos, enviada juntamente com a folha de avaliação. Tanto para apreensão da clareza, como das pertinências, optou-se por adotar a seguinte pontuação para cada uma das questões: 1-*Pouquíssima*; 2-*Pouca*; 3-*Média*; 4-*Muita*; 5-*Muitíssima*.

A partir das respostas dos juízes, realizou-se o cálculo do Coeficiente de Validade do Conteúdo (CVC) para a clareza da linguagem e para a pertinência prática, conforme proposto por Hernández-Nieto (2002):

- 1) Com base nas notas dos juízes, calculou-se a média das notas de cada item (Mx):

$Mx = \text{soma das notas dos juízes} / \text{número de juízes que avaliaram o item}$;

- 2) Com base na média, calculou-se o CVC para cada item (CVC_i):

$CVC_i = \text{média das notas de cada item} / \text{valor máximo que o item poderia receber}$;

- 3) Foi realizado o cálculo do erro (P_{ei}), para descontar possíveis vieses dos juízes avaliadores,

para cada item:

$P_{ei} = (1 / \text{número de juízes que avaliaram o item}) \times \text{número de juízes que avaliaram o item}$

- 4) Com isso, o CVC final de cada item (CVC_c) foi assim calculado:

$$CVC_c = CVC_i - P_{ei}$$

- 5) Para o cálculo do CVC total do questionário (CVC_t), para cada uma das características (clareza de linguagem e pertinência prática), foi usada a fórmula:

$$CVC_t = M_{cvc_i} - M_{pe_i}, \text{ onde:}$$

M_{cvc_i} representa a média dos coeficientes de validade de conteúdo dos itens do questionário e M_{pe_i} , a média dos erros dos itens do questionário.

Com base nas respostas dos bailarinos, que compuseram um banco de dados, procedeu-se a análise da estrutura interna. Inicialmente, o número de fatores a serem mantidos na análise fatorial exploratória foi verificado com base na análise paralela (Hayton, Allen, & Scarpello, 2004; Watkins, 2006). Para realizar a análise, foi utilizado o *software* R, versão 2.15.3, por este possibilitar o uso da análise paralela para variáveis categóricas ordinais, como é caso do presente estudo.

A partir disso, foi gerado um banco de dados para o *software* MPlus, versão 6.12 (Muthén & Muthén, 1998/2012), para realizar a análise fatorial exploratória com variáveis categóricas, além da obtenção de índices de ajuste que indicam a adequação da estrutura encontrada com base na presente amostra. Ressalta-se, ainda, que o ajustamento nos índices de ajuste também sugere a adequação da amostra para a realização da análise. Os índices utilizados, referindo-se ao nível de ajuste do modelo aos dados, foram X^2 ponderado pelos graus de liberdade (gl) (X^2/gl ; <3 (aceitável) e <2 (bom)), *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA; <.08 (aceitável) e <.05 (bom)), *Comparative Fit Index* (CFI; >.90 (aceitável) e >.90 (bom)) e *Standardized Root Mean Square Residual* (SRMR; <.10 (bom)) de acordo com Hooper, Coughlan e Mullen (2008). Considerando os fatores encontrados, foram investigados os coeficientes de consistência interna pelo alfa de Cronbach.

Resultados

Evidências de validade baseadas no conteúdo

Considerando as adaptações feitas no instrumento, a análise dos juízes apresentou uma concordância, através do índice Kappa, de .87 de pertinência teórica, .89 de pertinência prática e 97% para linguagem (semântica e apropriação para a idade dos participantes), valores esses considerados excelentes (Landis & Koch, 1977). Em relação ao coeficiente de validade de conteúdo, obtiveram-se os seguintes resultados: .99 para a linguagem; .90, para a pertinência prática; e .90 para a pertinência teórica. Calculando-se o índice Kappa dos aplicadores, verificou-se 100% de concordância, o que é considerado excelente, sendo esse resultado devido ao treinamento pré-coleta de dados realizada com todos os pesquisadores envolvidos na coleta de dados. Com esses resultados, percebe-se que adaptação da Lista de Sintomas de Stress Pré-Competitivo Infanto-Juvenil possui evidências de conteúdo suficientes para ser utilizada.

Evidências de validade baseadas na estrutura interna

Na investigação das propriedades psicométricas da LSSPC, os 31 itens foram submetidos à análise fatorial exploratória, com índices confirmatórios (*E-SEM*). Para tanto, o número máximo de fatores para a dimensão revisada foi determinado com base na análise paralela para variáveis policóricas. Essa análise indicou até seis fatores com *eigenvalue* expressivos não evidenciados ao acaso. Considerando essa informação, a *E-SEM* foi procedida, forçando-se soluções entre um e seis fatores, utilizando a rotação oblíqua *geomin*, e método de extração *Maximum Likelihood Robust* (MLR), compreendido como um método robusto adequado para variáveis policóricas.

Com base nesses dados foram analisados os índices de ajuste gerados para os distintos modelos, verificando-se que o modelo de seis fatores foi o mais adequado. Contudo, ao se interpretar o agrupamento de variáveis, observou-se a impossibilidade de compreensão da maioria dos fatores. Por isso, os demais modelos foram

testados, e o modelo com melhor relação índices de ajuste e interpretação foi o de três fatores. Os índices encontrados para esse modelo foram $X^2/df = 1.94$ (bom); RMSEA = .060 (adequado); CFI = .822 (não satisfatório); e SMR = .052 (bom). Vale ressaltar que o único índice não satisfatório foi o CFI, mas todos os modelos apresentaram inadequação no mesmo. As cargas fatoriais encontradas, o número de itens mantidos em cada fator, bem como os índices de consistência interna (alfa de Cronbach) podem ser observadas no Quadro 1. Destaque-se que os itens que permanecerem em cada fator estão em negrito e as células preenchidas em cinza.

É possível verificar que a versão final da dimensão ficou composta por 24 itens, distribuídos em três fatores, variando entre sete e nove itens por fator. Para exclusão dos itens, foram utilizados os seguintes critérios: o item prejudicar ou não favorecer a consistência interna do fator, pouca consistência interpretativa para manutenção do item no fator, e cargas expressivas em outros fatores (diferença menor que .50 nas cargas intrafatores) Em relação à consistência interna dos fatores encontrados, verifica-se que todos tiveram coeficiente superior a .75, sendo que a dimensão obteve índice de .89 para o conjunto total de itens. Na continuidade (Quadro 2), os fatores encontrados e escore total foram correlacionados entre si (intercorrelações).

Como podem ser observadas no Quadro 2, as magnitudes de correlação variaram entre .48 e .51 para os fatores, demonstrando que há uma relação moderada entre eles. A relação moderada sugere um construto latente comum subjacente aos fatores, o que se confirma pelas magnitudes dos fatores com o escore total, mas também a possibilidade de se encontrar diferentes perfis de pessoas no instrumento.

Quadro 1. Resultados psicométricos da Lista de Sintomas de Stress Pré-Competitivo Infanto-Juvenil adaptada para bailarinos

Itens	Fator 1- Estressor intrínseco fisiológico	Fator 2- Estressor extrínseco social	Fator 3- Estressor intrínseco cognitivo/ emocional
1. Meu coração bate mais rápido que o normal.	.616	.161	.288
2. Suo bastante.	.421	.237	.280
3. Fico agitado(a).	.638	.220	.434
4. Fico preocupado(a) com críticas das pessoas.	.484	.600	.297
5. Sinto muita vontade de fazer xixi.	.499	.187	.164
6. Fico preocupado(a) com meus adversários.	.363	.485	.236
11. Tenho medo de dançar mal.	.477	.693	.392
13. Tenho dúvidas sobre minha capacidade de dançar em um festival.	.183	.625	.268
14. Sonho com o festival de dança.	.212	.267	.517
15. Fico nervoso(a).	.581	.321	.340
16. Fico preocupado(a) com o resultado do festival.	.501	.327	.408
17. Minha boca fica seca.	.359	.252	.205
19. A presença de meus pais no festival/espetáculo me preocupa.	.076	.457	.266
20. Falo muito sobre o festival de dança.	.284	.147	.597
21. Tenho medo de me perder.	.277	.578	.434
22. Fico impaciente.	.394	.417	.522
23. Não penso em outra coisa a não ser no festival de dança/espetáculo.	.330	.265	.696
24. Não vejo a hora de dançar no festival.	.329	.274	.673
25. Fico emocionado(a).	.339	.321	.552
26. Fico ansioso(a).	.628	.241	.509
27. No dia que vou dançar no festival, acordo mais cedo que o normal.	.206	.260	.514
28. Tenho medo de decepcionar as pessoas.	.334	.688	.325
30. Sinto que as pessoas exigem muito de mim.	.176	.567	.395
31. Tenho medo de cometer erros no festival/espetáculo.	.381	.565	.272
Nº de Itens	8	9	7
α	.76	.83	.77

Nota. Estão apresentados somente os itens que foram mantidos, facilitando a visualização dos dados.

Quadro 2. Intercorrelações entre os fatores da Lista de Sintomas de Stress Pré-Competitivo Infante-Juvenil adaptada para bailarinos

Fatores	1	2	3
Fator 1 - <i>Estressor intrínseco fisiológico</i>	1.00		
Fator 2 - <i>Estressor extrínseco/social</i>	.51**	1.00	
Fator 3 - <i>Estressor intrínseco cognitivo/emocional</i>	.50**	.48**	1.00
Escore Total	.80**	.85**	.79**

Nota. *significativo ao nível de $p=.05$; **significativo ao nível de $p=.01$

Discussão

A falta de instrumentos voltados para a avaliação dos fatores de estresse para a população de bailarinos, em específico no Brasil, foi constatada por autores como Gasparini, Lee e Rose Jr. (2012), por exemplo. Estes afirmam que existem poucos estudos na área da dança e, ainda menos, trabalhos que avaliam componentes psicológicos, faltando assim, materiais para o auxílio e apoio aos professores e coreógrafos de dança. Dessa forma, ao começar o processo de adaptação do LSSPCI, buscou-se adequar o vocabulário à população de dançarinos, baseando-se em estudos na literatura. As alterações de redação presente no instrumento foram feitas com o intuito de se aproximar do contexto dos bailarinos adolescentes, mudando algumas palavras. Além disso, procurou-se promover e se aproximar do cotidiano do grupo, tanto com a nomeação para situações comuns como a adequação para a faixa etária. Os coeficientes de validade de conteúdo referentes às pertinências prática e teórica e a linguagem foram considerados excelentes, o que demonstra que o instrumento pode ser aplicado em bailarinos adolescentes.

Com base na literatura, os fatores foram nomeados de acordo com sua composição teórica e sendo coerente com seus respectivos itens. Portanto, o Fator 1 refere-se ao *Estressor intrínseco fisiológico*, pois apresenta itens relacionados com resposta fisiológicas, em sua maioria associadas a reações físicas. Segundo Almeida (2010), estímulos estressores fisiológicos causam ativação do eixo neuroendócrino

hipotálamo-pituitária-adrenal e o sistema límbico, que resultam em liberação do hormônio cortisol, o qual, em quantidade normal, é benéfico para disponibilizar energia para lutar ou fugir, porém, em excesso é prejudicial. Exemplos desse mecanismo são identificados, por exemplo, no item 1-“*Meu coração bate mais rápido que o normal*”; e no item 17-“*Minha boca fica seca*”.

O Fator 2 foi nomeado de *Estressor extrínseco social*, pois os itens se referem a reações geradas por fatores externos, seja ele familiares, professor ou ensaiador, colegas de grupo, adversários, entre outros. Segundo Kiss e Böhme (1999), o desempenho esportivo depende de normas sociais estabelecidas, o que significa que o atleta carrega consigo a sua personalidade, o seu meio social, as suas fraquezas e as suas forças humanas, como é possível observar, por exemplo, no item 4-“*Fico preocupado(a) com críticas das pessoas*”. Silva e Rubio (2003) destacam que o papel que o atleta desempenha e as expectativas que a sociedade tem dele estão relacionados com a conquista de recordes, vitórias, triunfos, sempre com muita luta e honestidade e por isso pode ser um gerador de estresse para eles, como, por exemplo, a relação com os pais e o espetáculo, como é observado no item 19-“*A presença de meus pais no festival/espetáculo me preocupa*”, e o sentimento de “cobrança” com as outras pessoas, na qual fica claro no item 30-“*Sinto que as pessoas exigem muito de mim*”.

Por fim, o Fator 3 foi denominado *Estressor intrínseco cognitivo/emocional* por se referir a comportamentos gerados por pensamentos ou emoções. Pereira e Tricoli (2010) explicam que os estressores intrínsecos são criados pela própria pessoa, que estão relacionadas a como a pessoa enfrenta situações cotidianas, aos seus pensamentos e atitudes e ao seu tipo de personalidade. Neste caso, perpassam a interpretação (cognição) e emoções; exemplo disso é o item 14-“*Sonho com o festival de dança*” e o item 25-“*Fico emocionado(a)*”. Assim, percebe-se o quão pertinente, teoricamente e na prática, é este instrumento, para que, conhecendo-se os estressores dos bailarinos intervenções adequadas possam ser desenvolvidas.

Apesar dos itens adaptados na presente pesquisa se mostrarem adequados e internamente

consistentes, conforme mostram os resultados obtidos pela análise fatorial e o coeficiente alfa de Cronbach, além de passar pela aprovação de juízes referentes à validação de conteúdo, algumas considerações devem ser feitas.

Considerando que o LSSPC, em sua versão original, não apresenta análise fatorial exploratória, optou-se pela criação de nomes para os três fatores encontrados com base na literatura presente - *Estressor intrínseco fisiológico* (Fator 1), *Estressor extrínseco social* (Fator 2), *Estressor intrínseco cognitivo/emocional* (Fator 3). Pelo agrupamento, os fatores ficaram com uma quantidade de itens relativamente balanceada. Sugere-se a realização de novas pesquisas, com um número maior de participantes, realizando-se uma análise fatorial confirmatória, para verificar a concordância desses resultados.

Além disso, novas pesquisas são necessárias para cobrir as evidências de validade não abarcadas nesse estudo - baseadas no processo de resposta, nas relações com variáveis externas, e nas consequências da testagem. Tais evidências serviram para melhorar o instrumento no requisito da dança e proporcionar melhorias para os próximos estudos. Após estas aferições, poder-se-á realizar a normatização e padronização do instrumento.

Referências

- Aalten, A. (2005). We dance, we don't live: Biographical research in dance studies. *Discourses in Dance*, 3(1), 5-19. Recuperado de: <http://bewegenmetaandacht.nl/discourseartikel.pdf>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2015.
- Aldwin, C. M. (2009). *Stress, coping, and development: An integrative perspective* (2nd ed.). New York: The Guilford Press.
- Aldwin, C. M. (2011). Stress and coping across the lifespan. In S. Folkman (Ed.), *The Oxford handbook of stress, health, and coping* (pp. 15-34). New York: Oxford University Press.
- Almeida, O. M. M. S. (2010). A resposta neurofisiológica ao stress. In M. E. N. Lipp (Org.), *Mecanismos neuropsicofisiológicos do stress: Teoria e aplicações clínicas* (3^a ed., pp. 25-30). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Arnett, J. J. (2006). G. Stanley Hall's *Adolescence: Brilliance and nonsense*. *History of Psychology*, 9(3), 186-197. doi: 10.1037/1093-4510.9.3.186.
- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa [ABEP] (2013). *Critério de Classificação Econômica Brasil*. Recuperado de: <http://www.abep.org/>. Acesso em: 13 de agosto de 2013.
- Balbinotti, M. A., Benetti, C., & Terra, P. R. S. (2007). Translation and validation of the Graham-Harvey survey for the Brazilian context. *International Journal of Managerial Finance*, 3(1), 26-48. doi: <http://dx.doi.org/10.1108/17439130710721644>.
- Brink, M. S., Visscher, C., Coutts, A. J., & Lemmink, K. A. P. M. (2012). Changes in perceived stress and recovery in overreached young elite soccer players. *Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports*, 22(2), 285-292. doi: 10.1111/j.1600-0838.2010.01237.x.
- Calais, S. L., Andrade, L. M. B., & Lipp, M. E. N. (2003). Diferença de sexo e escolaridade na manifestação de stress em adultos jovens. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(2), 257-263. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n2/a05v16n2>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2015.
- Carvalho, R. G., & Novo, R. F. (2014). Dimensões da personalidade e comportamentos de risco na adolescência: Um estudo com a versão portuguesa do MMPI-A. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación – e Avaliação Psicológica*, 1(37), 203-222. Recuperado de: http://www.aidep.org/03_ridep/R37/Art10.pdf Acesso em: 26 de junho de 2015.
- Compas, B. E. (1987). Coping with stress during childhood and adolescence. *Psychological Bulletin*, 101(3), 393-403. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/0033-2909.101.3.393>.
- Conceição, G. A. (2011). *Cultura corporal: Pesquisa com adolescentes do Centro Cultural Cartola – RJ*. Dissertação de Mestrado não publicada. Programa de Pós-

- Graduação em Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Coutts, A. J., & Reaburn, P. (2008). Monitoring changes in rugby league players' perceived stress and recovery during intensified training. *Perceptual and Motor Skills*, 106(3), 904-916. doi: 10.2466/pms.106.3.904-916.
- Cromer, B. (2011). Adolescent Development. In K. R. Stanton, B. S. Geme III, N. Schor, & B. R. Saunder, (Eds.), *Nelson Textbook of Pediatrics* (19th ed., pp. 649-659). Philadelphia, USA: Saunders Elsevier.
- De Rose Junior, D. (1998). Lista de Sintomas de Stress Pré-Competitivo Infanto-juvenil: Elaboração e validação de um instrumento. *Revista Paulista de Educação Física*, 12(2), 126-133. Recuperado de: <http://psicdesp.no.sapo.pt/ans/8.pdf>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2015.
- De Rose Junior, D. (2002). A competição como fonte de estresse no esporte. *Revista Brasileira de Ciência & Movimento*, 10(4), 19-26. Recuperado de: http://saudeemovimento.net.br/wpcontent/uploads/bsk-pdf-manager/3_2014-07-04.PDF. Acesso em: 13 de fevereiro de 2015.
- Ermolaeva, Y. S. (2015). Level of anxiety as one of the criteria of efficiency of emotional stability in sport dancing. *Pedagogics Psychology*, 22(1), 22-25. doi: <http://dx.doi.org/10.15561/18189172.2015.0204>.
- Ferreira, G. G., Keller, B., Okazaki, F. H. A., Okazaki, V. H. A., & Kopp, N., (2007). Estudo dos níveis de ansiedade e estresse em nadadores de ambos os sexos. *Coleção Pesquisa em Educação Física*, 5(1), 299-306. Recuperado de: <https://www.fontouraeditora.com.br/periodico/vol-5/Vol5n1-2007/Vol5n1-2007-pag-299a306/Vol5n1-2007-pag-299a306.pdf>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2015.
- Fletcher, D., Hanton, S., Mellalieu, S. D., & Neil, R. (2012). A conceptual framework of organizational stressors in sport performers. *Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports*, 22(4), 545-557. doi: 10.1111/j.1600-0838.2010.01242.x.
- Francisco, R., Alarcão, M., & Narciso, I. (2011). Avaliação de factores de risco de desenvolvimento de perturbações alimentares: Desenvolvimento e estudos de validação da versão portuguesa do McKnight Risk Factor Survey IV. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación – e Avaliação Psicológica*, 2(32), 143-170. Recuperado de: http://www.aidep.org/03_ridep/R32/r32art7.pdf. Acesso em: 26 de junho de 2015.
- Gasparini, I., Lee, C. L., & Rose Jr, D., (2012). Estresse e ansiedade em bailarinos amadores e profissionais. *Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte*, 7(1), 49-69. Recuperado de: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3967833>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2015.
- Hayton, J. C., Allen, D. G., & Searpello, V. (2004). Factor retention decisions in exploratory factor analysis: A tutorial on parallel analysis. *Organizational Research Methods*, 7(2), 191-205. doi: 10.1177/1094428104263675.
- Hernández-Nieto, R. A. (2002). *Contributions to statistical analysis*. Mérida: Universidad de Los Andes.
- Hooper, D., Coughlam, J., & Muller, M. (2008). Structural equation modeling: Guidelines for determining model fit. *Business Research Methods*, 16(1), 53-60. Recuperado de: http://arrow.dit.ie/cgi/viewcontent.cgi?article=1001&context=buschmanart&sei-redir=1&referer=https%3A%2F%2Fscholar.google.com.br%2Fscholar%3Fq%3DStructural%2Bequation%2Bmodeling%253A%2BGuidelines%2Bfor%2Bdetermining%2Bmodel%2Bfit.%26btnG%3D%26hl%3Dpt-PT%26as_sdt%3D0%252C5#search=%22Structural%20equation%20modeling%3A%20Guidelines%20determining%20model%20fit.%22. Acesso em: 13 de fevereiro de 2015.
- Kiss, M. A. P. D., & Böhme, M. T. S., (1999). Laboratório de desempenho esportivo LADESP. *Revista Paulista de Educação Física*, 13(1), 62-68.
- Landis, J. R., & Koch, G. G. (1977). The measurement of observer agreement for categorical data. *Biometrics*, 33(1), 159-174.

- Recuperado de: <http://www.jstor.org/discover/10.2307/2529310?sid=21105854855383&uid=4&uid=2>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2015.
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal and coping*. New York: Springer Publishing Company.
- Lipp, M. E. N. (1984). Stress e suas implicações. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 1(3), 5-19.
- Lipp, M. E. N. (2000). *Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lipp, M. E. N. (2010). O modelo quadrifásico do stress. In M. E. N. Lipp (Org.). *Mecanismos neuropsicofisiológicos do stress: Teoria e aplicações clínicas* (3ª ed., pp. 17-21). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lohman, B. J., & Jarvis, P. A. (2000). Adolescent stressors, coping strategies, and psychological health studied in the family context. *Journal of Youth and Adolescence*, 29(1), 15-43. doi: 10.1023/A:1005117020812.
- Moreira, M. M., & Juarez, F. (2004). Percepção de adolescentes masculinos de baixa renda sobre sexualidade. *Boletim Epidemiológico-AIDS*, 18(1), 1-11. Recuperado de: http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_810.pdf. Acesso em: 13 de fevereiro de 2015.
- Muthén, L. K., & Muthén, B. O. (2012). *MPlus user's guide* (6th Edition). Los Angeles, CA: Muthén & Muthén. Original publicado em 1998.
- Patara, C. R. T. (2010). Adolescência: Aspectos Clínicos. In V. A. C. Tricoli (Org.), *Stress na adolescência: Problemas e solução, a possibilidade de jovens estressados se tornarem adultos saudáveis*. (pp. 21-37). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pasquali, L. (2004). *Psicometria: Teoria dos testes na Psicologia e na Educação*. Petrópolis: Vozes.
- Peixoto, E. M., & Nakano, T. C. (2014). Problemas e perspectivas na utilização dos testes psicológicos em Psicologia do Esporte. In C. R. Campos, & T. C. Nakano (Orgs.), *Avaliação psicológica: Direcionada a populações específicas* (pp. 201-232). São Paulo: Vetor Ed.
- Pereira, M. M. B., & Tricoli, V. A. C. (2010). Influência do meio ambiente e de práticas parentais na vulnerabilidade ao stress. In M. E. N. Lipp (Org.), *Mecanismos neuropsicofisiológicos do stress: Teoria e aplicações clínicas* (3ª ed., pp. 67-70). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Primi, R., Muniz, M., & Nunes, C. H. S. S. (2009). Definições contemporâneas de validade de testes psicológicos. In C. S. Hutz (Org.), *Avanços e polêmicas em avaliação psicológica* (pp. 243-265). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Purge P., Jürimäe J., & Jürimäe T. (2005). Changes in recovery–stress state and performance in elite rowers during preparation for major competitions. *Perceptual and Motor Skills*, 101(1), 375–381. Recuperado de: http://www.setantacollege.com/wp-content/uploads/Journal_db/Changes%20in%20stress%20and%20recovery%20in%20elite%20rowers%20during%20preparation%20for%20the%20Olympic%20Games..pdf. Acesso em: 13 de fevereiro de 2015.
- Quested, E., & Duda, J. L. (2011). Antecedents of burnout among elite dancers: A longitudinal test of basic needs theory. *Psychology of Sport and Exercise*, 12(2), 159-167. Recuperado de: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1469029210001214>. Acesso em 13 de fevereiro de 2015.
- Rubio, K. (2011). A avaliação em Psicologia do Esporte e a busca de indicadores de rendimento. In L. F. Angelo, & K. Rubio (Orgs.), *Instrumentos de avaliação em Psicologia do Esporte* (pp. 13-26). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Samulski, D. M. (2002). *Psicologia do Esporte*. Tamboré: Manole.
- Sapienza, G., & Pedromônico, M. R. M. (2005). Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. *Psicologia em Estudo*, 10(2), 209-216. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n2/v10n2a07.pdf>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2015.
- Selye, H. (1956). *The stressor of life*. New York, NY, US: McGraw-Hill.

- Silva, M. L., & Rubio, K., (2003). Superação no esporte: Limites individuais ou sociais? *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 3(3), 69-76. Recuperado de: http://www.fade.up.pt/rpcd/_arquivo/artigos_soltos/vol.3_nr.3/LSilva.pdf. Acesso em: 13 de fevereiro de 2015.
- Stefanello, J. (2007). Situações de estresse no vôlei de praia de alto rendimento: Um estudo de caso com uma dupla olímpica. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 7(2), 32-244. Recuperado de: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rpcd/v7n2/v7n2a12>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2015.
- Tricoli, V. A. C. (2010). *Stress na adolescência: Sintomas, fontes e manejo*. In V. A. C. Tricoli (Org.), *Stress na adolescência: Problemas e solução, a possibilidade de jovens estressados se tornarem adultos saudáveis* (pp. 39-51). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Watkins, M. W. (2006). Determining parallel analysis criteria. *Journal of Modern Applied Statistical Methods*, 5(2), 344-346.
- Zajenkowski, M., Jankowski, K. S., Kolata, D. (2014). Let's dance – feel better! Mood changes following dancing in different situations. *European Journal of Sport Science*, 16(1), 1-7. doi: 10.1080/17461391.2014.969324.
- Zimmer-Gembeck, M. J., & Skinner, E. A. (2008). Adolescents' coping with stress: Development and diversity. *Prevention Researcher*, 15(4), 3-7. Recuperado de: http://www.tponline.org/article.cfm/Adolescents_Coping_with_Stress. Acesso em: 13 de fevereiro de 2015.